

mM/F.109  
Raro

JOÃO CHRYSOSTOMO DE OLIVEIRA  
(Da Academia Amazonense de Letras)

# JOÃO LEDA: - sua vida e sua obra

(Discurso de posse na Academia Amazonense de Letras)



F. 109  
RARO

442

SERGIO CARDOSO & CIA. LTDA.  
Editores  
1960



# JOÃO LEDA: - sua vida e sua obra

Entrar na Casa de Péricles Morais, caminhando na esteira gloriosa de João Leda, para mim deixa de ser honra para ser uma graça esmagadora dos meus dotes mentais.

Honra seria se alguma obra de arte meritória de minha parte pudesse servir de pedestal para êste brasão augusto e mirífico de que dadival e generosamente me quiseram fazer detentor.

Se o sustentáculo não existe, se a obra não surgiu e se o material intelectual nada promete para argamassar tal colunata ou para galvanizar um plinto magnificante, o brasão para não cair melancolicamente em um chão sáfaro e desflo-rido, multiplica-se em fragmentos alvinitentes e laticolores, à semelhança da preciosa chuva de maná, a graça divina em forma de grãos alabastrinos a alimentar os comandados de Moisés no deserto, entre os quais eu me figuro como o mais faminto... ou se transfaz em miríades de cintilas como a multidão de pirilampos a cobrir o corpo andrajoso e exangue daquela mãe dolorosa e repudiada de Canaan, de Graça Aranha, fazendo os seus "andrajos desaparecerem numa profusão infinita de pedrarias", taumaturgia espantosa que bem simboliza a obscuridade dos medíocres a refletir uma luz

que não é sua, função que devo exercer aqui, projetando, qual satélite, as rutilâncias, dêstes sóis de primeira grandeza que brilham no céu glorificante do pensamento dêste augustal areópago.

Quando recebi, ilustres acadêmicos, a nobre comissão desta Casa, constituída dos amigos Desembargador André Araujo e Prof. Mavignier de Castro, a fim de consultar-me como receberia a indicação do meu nome para figurar entre os candidatos à eleição para membro dêste Sodalício Cultural, respondi aos dignos mensageiros que tomaria êste gesto como simples manifestação de ultraliberalidade do coração dos meus amigos acadêmicos, visto como não tenho obra literária para merecer tão nobilitante distinção, assertiva que reiterei ao meu mui prezado Desembargador Salignac e Sousa, nobre e dinâmico presidente dêste Cenáculo das letras e indulgentíssimo paraninfo de minha candidatura, quando me inquiriu respeito ao resultado da entrevista com os emissários acadêmicos citados.

E êste ultraliberalismo que eu, no íntimo, tomava como um platônico aceno, simples manifestação de cortesia de uma lembrança de meu humilde nome, chegou à surpreendente concretização com a minha eleição com cinco companheiros credenciados, solenemente anunciada por caravana das mais conspíquas que honrou os humbrais do meu lar com sua visita nunciativa, caravana que teve o condão de, pelos nobres componentes, dedilhar as cordas de meu sentimento, com a ligação de cada um a pedaços de minha vida: — Waldemar Pedrosa, meu provector e estimado mestre de Francês, na antiga Escola Normal, que soube dominar o coração dos seus discípulos com o seu característico ar de mestre estadista de gestos comedidos, combinado com a irradiação convidativa e confortadora de um espírito paternal; Alvaro Maia, êste nome-bandeira de governante de sua terra de eras passadas, cuja mão honrada me ingressou na vida pública assinando o ato de minha nomeação para as funções de inspetor escolar e que ao lado do meu amigo inesquecível Temístocles Gadelha sempre me estimulou com palavras bondosas de cultura e orientação; Djalma Batista, êste médico missionário das ciências, incansável nas pesquisas e no cultivo das letras que aprendi a estimar como irmão, pois como irmão paciente

sempre me prestou sua assistência de facultativo e como irmão indulgente já prefaciou laudatòriamente o meu livrinho inédito "Gotas d'água sôbre A Grande Seara"; André Araujo, êste Juiz pedagogo, êste pedagogo sociólogo, que se fez democrática e fraternalmente meu companheiro de ideais educativos ,quando trabalhamos, lado a lado, na direção dos destinos da Sociedade Amazonense de Professores, êle na Presidência da Diretoria e eu na Presidência da Assembléia Geral, no afã comum de levantar o prestígio da classe profes-soral de nossa terra.

E aqui estou, meus senhores, com a vacilação e o eston-teamento, característicos ainda do cabôclo pirralho, vindo, sem recursos e sem rumo, das matas de Tefé, cair no turbilhão da metrópole flumilandina cheia de trepidação e inundada de luz de arco voltaico, de 1924; aqui estou com o mesmo assombro do aluno caipira dos grupos escolares "Ribeiro da Cunha" e "Saldanha Marinho" a olhar tudo com ar admirativo e de meditação ante o impossível para olhos de horizontes curtos; aqui me encontro com o pânico do tímido estudante normalista que não teve recursos para ser ginasião e ficava a contemplar, no mesmo casarão do Ginásio Pedro II, os "heróis" fardados a dirigir os seus trotes e a comandar a revolta de 12 de Agosto; aqui me acho enfim, com os sobressal-tos de quem privou com os livros e com as letras por acidentes e desvios de uma vocação que sempre andou às apalpadelas pelas contingências da vida, compulsado para a atividade bancária transitória, impelido para a inspeção do ensino, compelido para a carreira de perito-contador, orientado para o magistério secundário, encaminhado para estudos jurídicos, na construção tumultuária de uma cultura de retalhos se é que posso chamar de cultura a minha incultura resultante da falta de disciplina e gradação humanística... Sim, senhores, aqui me encontro com estas apreensões e estas esquivanças para dizer a Vossas Excelências, senhores Acadêmicos, o que disse Manuel Bandeira, que hoje é na realidade uma grande bandeira das letras pátrias a tremular em cada coração que sente a Arte, ao ingressar na Academia Brasileira :

"Os afetos dos amigos vivos, a saudade dos mestres desaparecidos, são motivos que nos levam lisonjeiramente à indulgência para conosco" — com a diferença de que sem

ser levado sinceramente a esta indulgência, espero a indulgência completa dos amigos e contemporâneos, nesta aventura intelectual a que me atirou a pura afetividade dos acadêmicos, nesta hora interpretados por Leôncio de Salignac e Sousa, nobre e brilhante Presidente deste Cenáculo, que vai, com o milagre de sua hipnose verbal, do nada, sem dados justificativos, preencher e firmar o meu passaporte para esta augusta aristocracia de numes do pensamento a serviço da arte e da cultura.

## JOÃO LEDA — SUA VIDA E SUA OBRA

A esteira magnificente de João Leda, patrono da cadeira 16, que devo ocupar, rastro luminoso que me incumbe seguir, num justo e merecido panegírico, é a estrada luminosa do eterno enamorado da palavra, do extasiado prisioneiro do mundo vocabular, do beatífico cultuador do termo bem escolhido para um forte e contundente epigrama seguido da blandícia de um floreio enaltecendor para balsamizar o escalpêlo provocado.

João Leda, desprezando o título de filólogo e ironizando o de gramático, viveu como um templário medieval dos escrínios vocabulares, dos veios expressivos, dos segredos dos filões terminológicos, cujo mapa êle sabia guardar com avareza, embora lhe publicasse os traços gerais em suas obras.

Filho de Mariano Cesar de Miranda Leda, natural do Maranhão, nascido a 16 de setembro de 1879, acompanhou num exílio administrativo a Manaus, seu genitor, que, segundo o escritor Joaquim Vieira da Luz, era "Professor particular e jornalista de "sangue nas guelras", que pela sua independência de caráter inamovível, foi forçado a aceitar um emprêgo nos Correios, "sob condição de ser logo removido de São Luis para Manaus, a fim de tranquilizar a adversa grei governadora"...

"João Leda — é ainda o escritor Vieira da Luz que fala — como filho mais velho do desterrado postalista, acompanhou o pai ao exílio que lhe foi imposto e aceitou somente para assegurar a subsistência da família deixando assim amargurado, entregue às estéreis lutas políticas, sempre infelicitadora, a querida terra ateniense".

Já iniciado aos 18 anos, em S. Luís, nas pugnas jornalísticas, João Leda prosseguiu na árdua profissão pelos diversos periódicos de Manaus com o mesmo ardor de herdeiro do “sangue nas guelras” de seu progenitor, perseverando na grande pugna da imprensa durante mais de quarenta anos, com uma combatividade e demonstração de bom lastro cultural, que para logo, lhe grangeou o respeito e admiração dos coevos.

“Quando ingressei no jornalismo, onde imperava e o respeitavam, já lhe haviam assegurado a nomeada de preliador indomável” — disse êsse brilhante baluarte do periodismo amazônida, Aristófano Antony.

Ingressou na administração pública e pontificou, já com admirável ascendência mental como senhor do manejo destro da Língua, na Assembléia Legislativa do Estado, como redator de debates e Diretor da Secretaria, cargo em que se aposentou. Dirigiu também o Diário Oficial e Provedoria da Santa Casa de Misericórdia. D. Albina Augusta Veiga Leda, sua esposa dedicada, foi a sua devotada companheira de todas as horas que sempre o cercou de cuidado admirativo e maternal assistência e Maria Augusta Leda, sua neta graciosa, foi o dulçor dos seus sonhos e o perfume de suas aspirações concentradas na felicidade desta sua mui amada descendente, a poetizar o inverno de sua existência...

Cercado dessa dupla querida, da assistência clínica do dedicado Olavo das Neves e do confôrto espiritual de D. Alberto Gaudência Ramos e da espectação compungida de amigos, cerrou João Leda seus olhos para o mundo a 1.º de Março de 1955, dia exato do falecimento de Ruy Barbosa, 22 anos antes, deixando grande vácuo com o colapso de sua atividade mental brilhante e o belo exemplo da exuberância de sua obra admirável.

## A O B R A

A obra de João Leda, que merece estudada e apreciada com o máximo desvêlo, vai aqui ligeiramente considerada, sem o academicismo rebuscado tão do seu desagrado, e esta brevidade e síntese são ditadas pela premência de espaço e

tempo, pois a angústia dos poucos lazeres de dez dias que me foram dados para êste trabalho, face às circunstâncias especiais bem ponderadas pelo Sr. Presidente não me permitiu redebruçar-me sôbre os livros do escritor maranhense para apontar-lhes as linhas mestras e situá-los nas contingências e fatos da época de seu aparecimento.

A obra de João Leda, repita-se, é o labor do diuturno enamorado da palavra, do preliador que viveu com a palavra, da palavra, e pela palavra — da tribuna do jornalismo. E a palavra que mais o enfeitiçou foi aquela que sempre tem o efeito da espada bigúmia e penetrante, da brasa viva causticante e do ferro em candência crestante, ajustadas em libelos e doestos camilianos, feitos com arte a maestria, sem cair nos exageros do carbonário ou panfletário apaixonado e obsecadamente demolidor. E' o que se confirma, quando declara em uma de suas cartas: . . . "eu de bom grado dou uma costela por um bate-bôca nas gazetas, desde que o adversário não suprima a gramática nem ultraje o senso comum". E mais adiante, na mesma carta fala de "alguns palúrdios a quem tenho escorchado em quatro livros, pela péssima doutrina que ministram à mocidade estudiosa de nossa língua".

Todas as obras de João Leda, elaboradas naturalmente com o primor do esteta sempre apaixonado pelo termo superselecionado e ajustado na precisão do dizer, foram resultantes de lucubrações de represálias e polémicas, em defesa da língua que amava com a índole do templário ferozmente intransigente que, debruçado nos arcanos dos magos da boa linguagem, esquadrinhou seus mistérios e dominou seus segredos.

"Dentro dêste critério — é o patriarca de nossas letras e desta Casa, Péricles Morais, que usa seu privilegiado pincel em ligeiro perfil — em represália às contumélias da incompetência desarvorada, João Leda transformou-se de repente em panfletário e acudiu a tôdas as provocações".

"Polemista ao jeito de Rochefort — continua vibrando o pincel do Mestre Péricles — jamais se absteve de julgar e tomar posição decidida nas mais tempestuosas refregas literárias que ainda se agitaram em nossa terra. Enfrentou

corajosamente os mais eminentes mestres da língua luso-brasileira, em recontros memoráveis, onde tornava o seu verbo coruscante que destroçava ídolos e idólatras.”

Assim coloca Mestre Péricles, com a pena molhada em lágrimas e movimentada pela arritmia de um coração oprimido pela angústia da definitiva separação, a figura singular de João Leda no panorama intelectual e psicológico de nossa terra.

João Leda foi incontestavelmente um grande e indefesso justador — termo que lhe era tão simpático — das controvérsias de linguagem, na linha axial de sua obra, seriada nos quatro bons livros :

VOCABULÁRIO DE RUY BARBOSA — 1923 —  
São Paulo.

OS ÁUREOS FILÕES DE CAMILO — 1924 — Manaus

NOSSA LÍNGUA E SEUS SOBERANOS — 1928 —  
Manaus.

A QUIMERA DA LÍNGUA BRASILEIRA — 1939  
— Manaus.

Em “Vocabulário de Ruy Barbosa”, preliou denodadamente com o vocabulista Cândido de Figueiredo por este não haver guardado os quatrocentos e trinta e nove vocábulos lembrados pelo cinzelador da “RÉPLICA”, nesta obra, ausentes na primeira edição de seu dicionário e dos quais só registrou cinquenta e cinco na edição seguinte, dizendo Leda haver “da parte do lexicólogo uma indiferença que raia pela desatenção”. O Vocabulista luso, no entanto, na quarta edição do seu dicionário, justifica-se dizendo ter-se comunicado com Ruy, pedindo as fontes dos termos para o devido registro, sem obter resposta, conseguindo elucidação apenas para os poucos termos registrados.

Na mesma obra, contesta Miguel Melo, Alcides Maia, Assis Chateaubriand — este chegou a considerar Ruy “um dos mais notáveis escritores estrangeiros do nosso atual idioma” — por haverem subestimado a obra do grande Conselheiro.

Em “Os áureos filões de Camilo”, verbera fustigantemente e recrudescientemente, o mesmo vocabularista Cândido de Figueiredo, retribuindo-lhe o apêdo de “mediocridade insolente” com gargalhadas voltaireanas acompanhadas de “umas galhofas irreverentes” ao intitular o “sr. Cândido de Figueiredo o Máximo”, e ao protestar “veementemente adoração ao Pontífice da Lexeologia Portuguesa”, cujos cochilos e cincadas fustiga impiedosamente “só pelo gostinho de testificar em absoluto outra expressão com que o dicionarista o brindou: *solerte maledicente*” — segundo êle o declara chasqueante.

Com a obra “Nossa Língua e seus Soberanos”, gladia amistosamente com José de Sá Nunes sôbre diferentes problemas do idioma pátrio, depois de daguerreotipar o perfil psicológico do Sermonista do estalo na cabeça, na famosa conferência “Da Psicologia do Padre Vieira”, proferida no Teatro da Paz, em Belém do Pará, aos 31 de maio de 1927.

De “A Quiméra da Língua Brasileira” — a mais erudita obra que escreveu sôbre assunto de linguagem — fez uma candente, segura e ardorosa tribuna de onde combateu com convicção, cultura e erudição os pregoeiros apressados da caracterização completa e delineada da língua brasileira em contraposição à língua portuguesa de ultramar. Todos os pindaristas da separação desfilam sob a batuta do cálamo de João Leda, recebendo contraditas formais e contundentes em suas doutrinação e argumentação independentistas, sobretudo no que diz respeito aos falsos brasileirismos que o autor destrói com a fôrça de sua dialética tornada invencível pela luxuosíssima documentação com textos de clássicos portugueses que usaram e abusaram dos pseudo-brasileirismos. O Ilustre acadêmico e amazonólogo Mário Ypiranga Monteiro chegou a tersar armas, neste terreno, com o mestre Leda, que o tratou com a consideração que aquêle soube merecer pela elegância e ética com que defendeu brilhantemente seus pontos de vistas de autonomismo linguístico. Embora não espouse a totalidade das doutrinas do insigne preliador maranhense, pois, sem ser autonomista extremado sinto a evidência dos fatos linguísticos operados pelos fatores mesológicos e étnicos sobretudo, traçando as linhas mestras da dialectação seccionadora em época não mui remota — dobro-me reverentemente ao impressionante rôlo compressor da erudição

dialética do insigne “duelista enciumado” que — são expressões felizes do mais feliz perfilador do Mestre Leda, Leôncio de Salignac e Sousa, digno florão mental desta Casa a honrar a sua Presidência — “esgrimindo contra os que pretendiam imolar, ao patriotismo exagerado, a enamorada, a eleita do seu culto literário, o centro, digamos, de polarização dos seus cuidados maiores de filólogo e beletrista, saiu à liça, empunhando “A Quimera da Língua Brasileira” “O movimento fissiparo — continua o preclaro acadêmico presidente — encontrou-o na vanguarda dos refutadores e, no curso de luminosas e fundadas razões, — conclui adiante — surgem mais claramente, ao lado do filólogo, o historiador, o crítico e o analista insuperáveis”.

Outra produção, aliás desconhecida ou olvidada no meio cultural, produção que é outro documento comprobatório da bravura intelectual do prof. Leda, é a sua tese, com que concorreu juntamente com Leôncio de Salignac e Sousa e João de Oliveira Freitas à cátedra de História do Brasil, na antiga Escola Normal do Amazonas, atual Instituto de Educação, tese intitulada: “DA EXAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS”. Deixemos que fale sobre o assunto o próprio Salignac: “Travamos com o Mestre, pelos imperativos regimentais do concurso, debate de uma hora. Sua tese, que nos coube examinar, espelha na pura filosofia de História, decidindo-se êle por um tema de difícil sustentação, ou comprovação e, por isso mesmo, propiciando facilidade à contradita. Homero, no panorama mundial e Tiradentes, no cenário histórico do país, serviram-lhe de ponto de referência para a proposição, ostentando-se tão fascinadora quanto perigosa.” Embora conquistasse a nomeação o professor João de Freitas, João Leda e o então ardoroso jovem Leôncio Salignac receberam verdadeira consagração no meio intelectual da época, dando margem a que o Mestre de “Tralhos & Malhos” com a sua paixão pela polêmica viesse à arena da imprensa fazer o seu gostoso “bate-bôca” na defesa dos seus direitos. Mas as nuvens se descarregaram e volta a harmonia a reinar entre Adriano Jorge, presidente da Banca, Leôncio e Leda, concorrentes, tres grandes baluartes unidos deste Sodalício.

## O JORNALISTA

A obra de jornalista de João Leda estendida no vasto espaço de quatro decênios é vastíssima e inestudada. O seu gigantesco labutar de redator, de gerente, de colaborador de "O Jornal", o "Jornal do Comércio" e outros periódicos está inumado nos arquivos desses Órgãos a desafiar a pertinácia e a paciência de um consagrado pesquisador que levante as preciosas gemas que o notável vernaculista esbanjou com prodigalidade pelos periódicos da imprensa amazonense.

## O POLEMISTA

Já ficou fartamente demonstrada a índole polemista de João Leda, que chega a confessar "dar uma costela por um bate-bôca". Se o contendor era respeitoso, êle sabia tersar armas elegantemente com o florete protegido em sua ponta com a esfera da reverência e da mui sutil e delicada ironia, como aconteceu com Sá Nunes, Mário Ypiranga, Francisco Luis Pereira e outros. Se, porém, o opugnante vinha arvorado a Golias do Saber, Leda enfrentava-o com a funda ágil e violentamente meneada para atirar a pedra certa da sua dialética quase feroz, aguçada pela vitriólica ironia arrasadora, como ocorreu com Cândido de Figueiredo e outros oponentes surgidos na imprensa local.

## O EPIGRAMISTA

Um dos aspectos proeminentes dos escritos de João Leda é a sua verve epigramática, é o seu humor satírico, é a sua tendência de chasquear de tudo e de todos, até no trato das coisas mais sérias, pois o ceticismo que o invadiu em decorrência de suas lutas cheias de acidentes e adversidades, e da admiração obsessiva pela superironia voltaireana e pela mordacidade camiliana transformou-o num verdadeiro zombador do mundo. "Zombei do mundo!" — é a frase atribuída a Vieira que êle põe em evidência em seu trabalho sobre o Jesuita estadista, como se estivesse fazendo a miniatura de um auto-retrato.

Vejamos como êle pinta com a dramaticidade, a que não é muito afeito, a erupção vulcânica da alma torturada de Camilo, derramada em chispas do riso comburente através de sua pena-bisturi :

“Nas intermitências da dôr, o riso... oh! aquêlo riso feroz, que combustava e estarrecia a quantos lhe provocassem o medonho estridular. Juvenal, Voltaire, amassados em ácido sulfúrico e em seguida liquefeitos, cogulavam o tinteiro de Camilo. Cada garatuja de sua pena lanhava como um víbice o dórso do adversário. Retaliando de luva branca ou tossando na chulice do calão, siderava sempre o antagonista que caia desamparado, arquejante, semi-ânime, mal ouvindo o formidável gargalhar do atleta, que o desgalgava perambeiro abaixo com a última farpeta da troça.

E tudo isto sem detença, no escamel do período, na joeira do vocábulo”.

E mais adiante :

“Era um vulcão a vomitar lavas sem tréguas”.

E conclui entre melancólico e sentimental, facetas quase estranhas à sua contextura psíquica :

“Virá a existir algum dia, se ainda não existe, a dulia camiliana. Não aspiraremos em nossa mesquinhez ao elevado sacerdócio dêsse culto. Seremos devotos, absolutamente fiéis ao orago, não faltando nunca com o grãozinho do nosso incenso à navicela sagrada”.

Sente-se aqui um Leda diferente, um Leda confidente, cheio de santo entusiasmo, vivendo o seu próprio modelo, o seu nume, o seu ídolo que foi Camilo na expressão máxima da sua ironia e do seu sarcasmo, despejados no seu gargalhar zombeteiro.

A fartura de bachareis em nossa pátria assim João Leda epigramatiza :

“infinitos doutores que as academias parturem numa incrível proliferação de preás”.

A nossa pátria em seus desgovernos e desmandos administrativos não é poupada pela sátira de Leda que assim a define :

“pertença e logradouro de alguns sujeitos espertos, incorrigíveis amadores do viver paparriba, filósofos para quem o bípede humano é uma víscera esmoedora chamada estômago”.

A palrice dos advogados, “é puro verniz dos compêndios, extraído à pressa para embelecar zambôas, assombrá-los e inocular-lhes no ânimo fútil o anelo desesperado de bacharelar a prole”.

E assim podemos encontrar na obra de João Leda, por seu espírito polemista, os salpicos de epigramas e sarcasmos que, em certos pontos, sobretudo nos assuntos graves, não deixaram de desdourá-la.

### O VERNACULISTA

Mas o espírito de João Leda foi de um eleito dos grandes surtos mentais: — não se afogou em uma ebriez mórbida pelo satirismo e pela mordacidade; não se narcisou com os seus arroubos polemistas; não se mecanizou fossilizantemente nos seus “entreveros” jornalísticos.

O satírico de hoje, no dia de amanhã das gerações vindouras não passará de um jogral de graças insulsas, dado o silêncio mortal da mentalidade de sua época que vibrou em gargalhar esfusiante com a jocosidade da ocasião. Cervantes não se teria perenizado se a sátira de D. Quixote tivesse cunho pessoal a vergastear os cavaleiros dos seus dias.

O polemista do passado remoto para as gerações presentes não passa de um desconhecido malcriado que diz o que sabe sempre zangado, dado o mutismo irremediável dos seus coevos, que podiam justificar as suas diatribes. Zola estaria condenado ao olvido completo se houvesse adormecido sobre os louros conferidos por “J'accuse” que lhe deu a maior glória de momento pelo ardor e brilho de sua peleja.

O jornalista brilhante de antanho não será outra coisa para os porvindouros além de um montão de periódicos empceirados e roídos que o arquivista-coaveiro põe em um sepulcro numerado para o maníaco pesquisador não molestá-lo com buscas massantes.

O jornalista Euclides da Cunha é um sembra quase desfeita diante do autor do monumental "Os Sertões" que nasceu de uma simples reportagem. O próprio Rui Barbosa que abalou os alicerces do trono com a campanha da federação, pelo "Diário de Notícias", folha cuja entrada fôra até proibida nos quarteis, êste jornalista símbolo que foi a alma da proclamação da república, sem ser republicano, é hoje uma pálida imagem diante do jurista de fama internacional com a auréola de Águia de Haya.

E o espírito eleito de João Leda alcandorou-se a êsses estádios mentais do seu sófrego e dinâmico existir e agigantou-se para a posteridade como o vernaculista, alcantilou-se para porvindoiros como o faiscador das aurigemas idiomáticas, alpinizou-se para os subsequentes como o dulista das belezas da linguagem, como nirvanista das plagas suaves da estesia das palavras selecionadas, polidas e enfileiradas harmônicamente no dizer castiço.

Varram-se todas as expressões chocantes do polemista apaixonado, todos os têrmos mordazes e chasqueantes do epigramista camiliano, todas as alusões apressadas do jornalista do quotidiano e sobreviverão mais altaneiros e soberbos os labores preciosos do acurado vernaculista, do apaixonado garimpeiro das pérolas de boa linguagem que perduram e perdurarão nas obras do inconfundível guardião do bem dizer : João Leda.

"Vocabulário de Rui Barbosa" tem de ser sempre compulsado, dado o tesouro precioso dos recursos magníficos de expressão deixados pelo grande estadista, coletados com unção carmelitana por João Leda.

"Os áureos filões de Camilo" há de ser sempre consultado, dado o manancial supergrandioso de pérolas, raras de linguagem derramadas pròdigamente pelo Solitário de Seide para o qual Leda ergueu êste monumento, com as pedrinhas de suas vigílias de incensador desse nume.

"Nossa língua e seus soberanos" perdurará pelos estudos pacientes e proveitosos de linguagem feitos aos pés dos clássicos beneditinamente conversados pelo eremita, cuja memória homenageamos.

“A Quimera da Língua Brasileira” há de enfrentar os séculos, pela profundidade de um pesquisador incansável em argumentar brilhantemente com farta documentação que a língua brasileira é ainda um trêfego sonho dos que não querem sentir que o “eu te amo ó flôr do Lácio” proferido no Brasil tem a mesma vibração sonora e o mesmo sentimento do exclamado em Portugal, no mesmo lirismo comovido dos dois povos.

Segundo Batista Pereira, um escritor inglês disse que há duas classes de livros: — os que se lêem e os que se estudam. “As Cartas da Inglaterra pertencem aos dois gêneros” — conclui o jurista brasileiro. Podemos incluir também os livros de João Leda nas duas classificações, pois em cada página lida encontramos sempre estudos a fazer através dos meandros de nossa língua e das luminosas sendas rasgadas pelos “seus scberanos”, carinhosamente acompanhados por Leda.

— Leda, eu encontrei um trecho tão interessante de Bernardes em um seu livro que me emprestaram com pressa de devolução, que não resisti ao desejo de copiá-lo para trazer-te a fim de que esclareças o significado do verbo **AFIGURAR-SE** nêle empregado.

Quem falava assim ao Mestre era o saudosíssimo professor Curiolando Durand, que foi ilustre membro desta Casa, e nosso mestre querido da língua de Dumas, grande e exaltado admirador de Leda, segundo êle nos contou em sala de aula da “Solon de Lucena”.

— Ouvi, contava-nos êle, de uma cozinheira do “Canto da Fortuna”, ao esperar o bonde na esquina, a seguinte expressão. “Eu gosto dêle porque êle não se envergonha de se afigurar comigo na rua”. Achei pitoresco e original aquêle “afigurar-se” na bôca de uma mulher do povo que é o conservador da língua. Lembrei-me então do “Dicionário vivo” que é o mestre Leda. Redigi um trecho à Bernardes empregando o verbo com o sentido que presumi e levei ao mestre que é um poço de saber idiomático. Para espanto meu, depois de lêr atentamente o trecho, respondeu incisivamente:

— O estilo parece de Bernardes mas está muito floreado para ser do grande clássico. E o verbo “afigurar-se” é

legítimo, está registrado no dicionário de tal autor, do ano de mil oitocentos e tantos com o sentido de *exibir-se*.

Vai a uma estante, puxa um dicionário e mostra o registro exato, numa demonstração de identificação perfeita com o estilo de Bernardes, refugando o decalque, e de domínio seguro da lexicografia do seu tempo.

Por intermédio do saudoso e querido mestre Coriolando, comecei a habituar-me a admirar o professor Leda, cuja vida e obra procurei emoldurar neste sincero, singelo e justo enaltecimento.

Quando me abalancei ousadamente a apreciar, com a reverência que a justa fama exige, o seu precioso livro "Vocabulário de Rui Barbosa" apontando dezena e meia de vocábules que já se encontravam registrados, cêrca de um século antes, por Francisco Solano Constâncio em seu "Dicionário Crítico e Etimológico da Língua Portuguesa", apreciação feita "a título de colaboração realçadora do mérito da obra" — tive o honrosíssimo e desvanecedor aprazimento de receber do Mestre Leda a seguinte carta-bilhete, joia dentre as minhas relíquias documentais: — "Caro João Chrysostomo: Li, no "Jornal do Comércio", a terceira das suas belas amáveis crônicas sôbre meu livro "Vocabulário de Rui Barbosa". Muito apreciei os seus reparcs quanto às minhas omissões do que já ensinara a respeito de certas palavras o mui acatado Constâncio e não imagina como me desvaneceu o verificar que o extinto lexicólogo coincidiu em muitas exegeses com as minhas, feitas tantos anos depois; durante a laboração do meu trabalho, só não consultei o Constâncio por não conhecer alguém que o possuísse em Manaus, terra assaz ingrata, como você sabe para investigações dessa natureza.

Mui grato seu velho amigo João Leda".

Prezados Senhores Acadêmicos: o grande e mavioso Chateaubriand quando deu a lume o seu monumental e magnífico "GÊNIO DO CRISTIANISMO", exclamou entre infantil e exaltado com as festas e louvores recebidos, dado o êxito de sua majestosa produção:

— Eu queria um grande ruído para que êle subisse até a morada de minha mãe.

João Leda, meus illustres acadêmicos, que era ceticamente infenso aos ruídos, às glorificações e às consagrações literárias, pois as suas obras tiveram edições reduzidas e quase restritas ao nosso ambiente provinciano, precisa deste ruído merecido e consagrativo em face do seu beneditino devotamento à nossa língua.

Ao entrar, sempre com o assombramento do bárbaro, nesta assembléia augustal de pensamento, para ocupar — deixando-a sempre vazia — a cadeira do Mestre, permitam-me Vossa Excelências, fazer uma conclamação :

Vamos fazer um grande ruído em tórno da obra de Leda para que êle chegue até o Brasil que nos olvida, até o Brasil que nos abandona, até o Brasil para quem “a Amazônia ficou reduzida a essa coisa triste, um assunto de literatura” bradando-lhe com todas as veras do nosso fervor cívico :

“BRASIL, no Amazonas, viveu um teu filho illustre que lutou e sofreu pela tua língua, para que o teu nome fôsse sempre escrito com a pureza da brasa viva da ara de tua glorificação. Inscreve também o seu nome no Panteon dos teus varões illustres : JOÃO LEDA”.



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA